

“COMO ESTRELAS NA TERRA, TODA CRIANÇA É ESPECIAL”: UMA ANÁLISE SOBRE APRENDIZAGEM ESCOLAR À LUZ DA TEORIA DA SUBJETIVIDADE

Raamá Garcia Santos Araújo¹, Anailson Carlos de Medeiros², Diogo Araújo dos Santos³, Francileide Batista de Almeida Vieira⁴

¹Graduanda em Pedagogia e Pós-Graduanda em Geografia pela UFRN, Campus de Caicó (CERES), e-mail: raama.garcia4@gmail.com

²Pós-Graduando em Geografia pela UFRN, Campus de Caicó (CERES), e-mail: anailsoncarlos02@gmail.com

³Pós-Graduando pelo Programa de Metodologias de Ensino e Processos de Aprendizagem pela UFRN, Campus de Caicó (CERES), e-mail: diogo.santos.056@ufrn.edu.br

⁴Docente efetiva do Departamento de Educação da UFRN, Campus de Caicó (CERES), e-mail: francileide.almeida@ufrn.br

Resumo: O presente trabalho analisa o filme "Como Estrelas na Terra: Toda Criança é Especial" (2007) à luz da Teoria da Subjetividade de González Rey, com o objetivo de discutir os processos de aprendizagem e o protagonismo do educando. A metodologia adotada consiste numa análise fílmica articulada com uma revisão bibliográfica sobre a subjetividade e a educação, focando-se na trajetória de Ishaan, uma criança com dificuldades específicas de aprendizagem. O estudo evidencia que o sofrimento do protagonista é exacerbado por um ambiente escolar punitivo e uma dinâmica familiar que ignora os seus sentidos subjetivos, impondo uma padronização ineficaz. Os resultados demonstram que a intervenção sensível de um educador, ao reconhecer as potencialidades do aluno, permite a ressignificação do processo de aprendizagem, gerando novos sentidos subjetivos que foram determinantes para uma abordagem que fizesse a diferença não apenas no contexto escolar, mas em todos os âmbitos da vida de Ishaan. Conclui-se que a aprendizagem é indissociável das dimensões emocionais e que a valorização da subjetividade é essencial para transformar um cenário de exclusão em um espaço para autonomia e desenvolvimento.

Palavras-chave: Teoria da Subjetividade. Como Estrelas na Terra. Aprendizagem. Dificuldades de aprendizagem.

1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo discutir e analisar o filme “Como Estrelas na Terra: Toda Criança é Especial” de Amole Gupte (2007), considerando aspectos importantes da Teoria da Subjetividade de González Rey (1996, 1997, 2000, 2003, 2004, 1997, 2002, 2005, 2007, 2012, 2014, 2016, 2017, 2019), em que o autor apresenta uma “perspectiva de um entendimento processual do sujeito, para o qual são buscados indicadores de sua configuração nas situações em que se torna importante investigar o seu funcionamento psicológico, como

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, Brasil; raama.garcia4@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, anailsoncarlos02@gmail.com

³Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, Brasil; diogo.santos.056@ufrn.edu.br

⁴Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, Brasil; francileide.almeida@ufrn.br

no caso dos processos de aprendizagem”. (Tacca e González Rey, 2008, p. 147). Além disso, sabe-se, sobretudo, na contemporaneidade, que no processo de aprendizagem não estão apenas imbricados os processos cognitivos, mas os emocionais, afetivos e motivacionais que configuram-se subjetivamente, implicando nas experiências e contextos do aprendiz (Mitjáns Martínez e González Rey, 2017).

Para atingir os propósitos deste trabalho, a metodologia adotada consiste numa análise do filme articulada com uma pesquisa bibliográfica e documental, utilizando obras e artigos sobre a Teoria da Subjetividade, educação e aprendizagem para fundamentar a interpretação e análise crítica dos elementos observados na narrativa cinematográfica. A escolha desta obra específica justifica-se pela forma sensível com que retrata a trajetória de Ishaan, uma criança com dificuldades de aprendizagem decorrentes não apenas de fatores internos, como a dislexia, mas também de dinâmicas familiares conturbadas e de um ambiente escolar punitivo que ignora os seus sentidos subjetivos, impondo uma aprendizagem padronizada e pouco eficaz ao protagonista.

O filme serve, portanto, como um instrumento ideal para ilustrar não só como a intervenção humana e atenta de um educador permite a superação de barreiras e a ressignificação do processo de aprendizagem, mas também como a observação de sentidos subjetivos pode possibilitar e orientar a promoção de uma abordagem adaptada às necessidades do estudante. A análise evidencia o protagonismo do educando ao retratar os processos sociais, ambientais, emocionais e escolares que moldam sua experiência subjetiva, destacando o modo singular de aprendizagem e os desafios didático-pedagógicos relacionados ao reconhecimento e à valorização da individualidade. A escolha dos trechos do filme foi orientada pela percepção de momentos mais críticos da trama, dos que escancararam os aspectos individuais e ambientais que pudessem se revelar como dificuldades para Ishaan e também dos momentos formadores de sentidos subjetivos positivos e negativos que influenciaram suas atitudes e aprendizagem.

2. Desenvolvimento

A Teoria da Subjetividade, elaborada por González Rey (1996, 1997, 2000, 2003, 2004, 1997, 2002, 2005, 2007...), se constitui como um referencial para orientar a compreensão da aprendizagem escolar, pois apresenta uma concepção para além do que está

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, Brasil; raama.garcia4@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, anailsoncarlos02@gmail.com

³Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, Brasil; diogo.santos.056@ufrn.edu.br.

⁴Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, Brasil; francileide.almeida@ufrn.br

posto no sentido da aprendizagem, visto que sua dimensão subjetiva é enfatizada. A teoria aponta, ainda, para a complexidade da constituição psicológica nas condições culturais e na vida social. A subjetividade é definida como “as formas complexas em que o psicológico se organiza e funciona nos indivíduos cultural e historicamente construídos e nos espaços sociais das suas práticas e modos de vida” (González Rey, 2003, p. 95).

Além disso, a aprendizagem tem sido conceituada de maneiras distintas e seus elementos considerados por teorias tão diversas que entre os psicólogos e educadores é comum observar concepções divergentes e pouco claras da aprendizagem e dos seus elementos constitutivos. Há até um pensamento padronizado em relação ao processo, como se houvesse uma forma única de aprendizagem. Ademais, a associação mais comum tende à ideia de assimilação de conteúdos no sentido meramente reprodutivo e não de real personificação do aprendido. Existem, portanto, formas mais desejáveis de aprendizagem como a compreensiva e a criativa, pois em ambas o foco é o estudante, sua postura ativa e a personificação dos conhecimentos ao contrário da reprodutiva-memorística que é centrada no docente e não chega a ser efetiva (Mitjáns Martínez e González Rey, 2017).

A aprendizagem que tem significado é definida pelo próprio sujeito de maneira que os entrelaçamentos com aprendizagens anteriores e novos sentidos formarão uma rede complexa que abrange muito mais que a questão cognitiva. O sujeito, seu meio e modo de vida, orientam-se dentro de uma dinâmica subjetiva e simbólico-emocional. A compreensão da subjetividade humana, a partir da construção de sentidos subjetivos pode ser uma grande aliada dos professores, sem que necessariamente precisem estudar exaustivamente as teorias, pois de maneira simples podem ser orientados diálogos e abordagens para a identificação dos sentidos subjetivos que estão sendo produzidos individual e socialmente. O professor quando consegue investigar as subjetividades de seus alunos, adquire uma ferramenta para gerar ainda mais sentidos e manejar adequadamente o que já existe em relação aos sentidos afetivos e emocionais (Tacca e González Rey, 2008).

Mitjáns Martínez e González Rey (2017) afirmam que é extremamente comum que se reconheça a aprendizagem apenas sob a ótica das capacidades intelectuais inerentes ou desenvolvidas, dispensando os aspectos subjetivos e as condições de vida dos educandos. A pouca clareza e a não consideração desses aspectos, torna o caminho para a produção de

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, Brasil; raama.garcia4@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, anailsoncarlos02@gmail.com

³Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, Brasil; diogo.santos.056@ufrn.edu.br.

⁴Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, Brasil; francileide.almeida@ufrn.br

estratégias pedagógicas mais difícil. Entretanto, não cabe a culpabilização dos docentes, pois se reconhece o grande arsenal de suas atribuições e demandas. Em contrapartida, é possível elencar alguns problemas que respondem à falta de atenção em relação à construção das aprendizagens.

A carência supracitada é observada na formação de professores no momento em que o ensino é o cerne dos cursos e não o processo de ensino-aprendizagem. Os dois aspectos precisam ser reconhecidos como indissociáveis em toda carreira docente, desde a sua formação inicial. A aprendizagem é um aspecto que segue em segundo plano quando, na verdade, deveria ocupar um lugar central nos cursos, nas pesquisas acadêmicas e no cotidiano escolar. Além disso, outro problema a ser considerado é a patologização dos problemas de aprendizagem, além do medo em relação ao seu enfrentamento. Essa tendência pode transformar uma demanda que poderia ser trabalhada pelos professores em um entrave a ser solucionado somente por médicos e psicólogos/psiquiatras. Esse panorama de temor impede os professores de agirem com base no grande conhecimento técnico e teórico que possuem para atender dificuldades e pensar soluções para superá-las (Mitjans Martínez e González Rey, 2017). Esse panorama confirma-se no seguinte enxerto:

No cotidiano escolar, o professor é o profissional que mais está envolvido com as crianças em situação de inclusão. Cabe a ele a responsabilidade maior pela educação e inserção da criança no contexto socioeducativo. Entretanto, o que se vê na prática são sucessivas queixas a respeito de suas dificuldades sobre o que fazer, o como fazer, por que fazer, onde, até onde fazer... Os professores têm apresentado relatos sobre as dificuldades que vêm enfrentando no seu dia a dia, sua insegurança, seu despreparo, seus sentimentos. Seus conhecimentos, de acordo com as próprias falas, não são suficientes para alcançar a compreensão dos processos de aprendizagem dessas crianças, bem como suas técnicas, seus recursos, seus materiais... (Santos-Lima, 2010, p. 6).

Ainda para González Rey (2001), o docente deve reconhecer que seu lugar de profissional e seu espaço de trabalho têm imensa importância visto que “nenhuma atividade humana resulta numa atividade isolada do conjunto de sentidos que caracterizam o mundo histórico e social da pessoa”. (González Rey, 2001, p. 9). Ou seja, o impacto das subjetividades sociais e individuais na educação é bastante acentuado, uma vez que influencia na teoria, metodologias e práticas. A sala de aula não pode ser meramente reduzida ao espaço do ensinar e aprender, mas vista como palco. Palco em que as atividades e práticas desenvolvidas constituem sentidos e significados que não estão dissociados de histórias e

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, Brasil; raama.garcia4@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, anailsoncarlos02@gmail.com

³Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, Brasil; diogo.santos.056@ufrn.edu.br.

⁴Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, Brasil; francileide.almeida@ufrn.br

outros sentidos antes construídos em outros espaços da subjetividade. A partir desse entendimento, pode-se compreender que a escola contribui em grande medida na construção dos elementos de significação e sentido. Adquirir tal consciência permite superar dicotomias historicamente construídas em relação à educação: entre o social e o individual, entre o afetivo e o cognitivo.

Para Mitjáns Martínez e González Rey (2017), ao contrário do que está posto pelas concepções deterministas e reducionistas, os fatores externos da vida dos estudantes não influem diretamente na aprendizagem. Ou seja, experiências como a separação dos pais, uma mudança de casa ou de escola, a morte de alguém querido ou o nascimento de uma nova criança no lar não definirão diretamente nem o tipo nem a qualidade da aprendizagem, mas os sentidos que serão criados a partir dessas vivências. Dessa forma, as experiências não assumem esse papel determinante, mas os sentidos subjetivos - produções próprias dos sujeitos - que uma vez gerados formarão outros sentidos. Além disso, uma coisa importante a se considerar é que uma mesma experiência vivenciada por pessoas diferentes construirá sentidos subjetivos distintos. Portanto, cabe o entendimento de que não se pode padronizar as aprendizagens no ensejo de obter resultados igualmente satisfatórios para todos. Por isso, o processo de assumir e tomar as medidas mais adequadas em relação aos estudantes é tão difícil, pois:

O desafio da escola sempre será o de transitar entre a igualdade e a diferença, entre aquilo que precisa e deve ser igual para todos e entre aquilo que só pode ser visto sob o prisma da diversidade. Se existe a necessidade de se objetivar um conteúdo originário da produção de conhecimento da humanidade a que todos devem ter acesso, em contrapartida, a escola não poderá e não deverá propor isso em modelos únicos. Ao se pensar a democratização do saber, foi formalizado um saber padrão para pessoas padronizadas, o que só poderia levar ao sucesso de poucos, ou seja, daqueles para os quais o padrão melhor se adapta (Tacca e Rey, 2008, p. 141).

Como um dos aspectos importantes do presente trabalho é retratar as questões do filme como as dificuldades que foram superadas pela sensibilidade em relação ao processo educativo de uma criança atípica, cabe apresentar algumas discussões sobre a temática das dificuldades de aprendizagem. As concepções de Vygotsky (2011) partem da compreensão da importância de reconhecer o papel da cultura e do meio social para o desenvolvimento. O autor trata, pela primeira vez em sua época, uma visão dialética do desenvolvimento de uma criança. Eram percebidos tanto o desenvolvimento natural quanto cultural como distintos,

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, Brasil; raama.garcia4@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, anailsoncarlos02@gmail.com

³Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, Brasil; diogo.santos.056@ufrn.edu.br.

⁴Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, Brasil; francileide.almeida@ufrn.br

sendo o cultural consequência ou continuidade do natural. Em um momento em que o entendimento de que a cultura seria calculada para um tipo “normal” de pessoas, com funções cerebrais típicas e a organização de todos os órgãos de forma conveniente, Vygotsky apresentou uma ótica diferenciada:

[...] exatamente porque o defeito produz obstáculos e dificuldades no desenvolvimento e rompe o equilíbrio normal, ele serve de estímulo ao desenvolvimento de caminhos alternativos de adaptação, indiretos, os quais substituem ou superpõem funções que buscam compensar da deficiência e conduzir todo o sistema de equilíbrio rompido a uma nova ordem (Vygotsky, 2011, p. 869).

Com isso, pode-se observar que, em casos em que uma criança surda não aprenderá a falar e uma cega não terá domínio de escrita, a educação surgirá para orientar e auxiliar por meio de técnicas artificiais, culturais ou um sistema de signos ou símbolos culturais próprios para atender a essas especificidades. Torna-se incumbência da educação a promoção de caminhos alternativos para o desenvolvimento, mesmo que seja complexo romper com as ideias de que a visão deve ser dada pelos olhos e a fala pela boca. Ao contrário disso, a leitura pode ser feita através dos dedos e a fala pelas mãos. Essas alternativas são os caminhos indiretos que promovem um sucesso que não resultaria de nenhuma forma os diretos permitiriam. São, na verdade: caminhos psicofisiológicos alternativos de desenvolvimento cultural (Vygotsky, 2011).

Vygotsky (2011) demonstra que diferentemente do olhar tradicional em que a deficiência significa sempre menos, falha e limitação, há a possibilidade de enxergar a personalidade dos sujeitos e as potencialidades de aperfeiçoamento das próprias funções psíquicas como a atenção, memória, pensamento, formação de conceitos e livre-arbítrio. Existem muitos atrasos que vão surgir pela falta de estímulos ou da ausência de planejamento de caminhos para a superação. Nesses casos, as falhas no desenvolvimento não vão depender em nenhuma instância da deficiência orgânica isolada. Costa (2006), retoma esse pensamento e enfatiza a importância de romper com o julgamento de que um ser humano é imutável, pois se existem dificuldades, existem possibilidades para superação. A autora também discorre, parafraseando Vygotsky, acerca da *plasticidade*, que se apresenta como a capacidade de transformação e formação de processos adaptativos por parte dos indivíduos. Entretanto, para sua manifestação, o sujeito precisa de interações com estímulos ambientais e entrelaçamento

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, Brasil; raama.garcia4@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, anailsoncarlos02@gmail.com

³Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, Brasil; diogo.santos.056@ufrn.edu.br.

⁴Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, Brasil; francileide.almeida@ufrn.br

de fatores internos e externos. Por isso, deve-se ressaltar o imenso papel da escola e dos professores nesse processo.

Com tudo que foi exposto é possível compreender que o professor é o principal agente do processo educativo e inclusivo, mesmo para indivíduos cujas necessidades/dificuldades de aprendizagem sejam decorrentes de deficiências, transtornos ou dificuldades específicas de desenvolvimento, o que requer ainda mais dedicação e sensibilidade. A escola em todo seu contexto educativo, por sua vez, volta-se à implementação das condições adaptadas às especificidades dos sujeitos mesmo em ambiente regular de ensino (Santos-Lima, 2010).

3. Resultados e Discussão

O filme “Como Estrelas na Terra: Toda Criança é Especial” retrata a história de um garoto de 9 anos que repete seguidamente a terceira série do Ensino Fundamental por suas dificuldades no ambiente escolar, provocadas não apenas por fatores internos (próprios) da criança, mas por fatores externos como a dinâmica familiar bastante conturbada. A criança tem seu próprio ritmo e uma forma única de enxergar o mundo, uma forma artística e vibrante, porém a rotina de casa e da escola obriga-o a seguir um tempo que não consegue acompanhar e a cumprir demandas que sozinho não é capaz de solucionar. Mesmo que durante todo o filme sejam visíveis o amor e o cuidado dos pais e do irmão de Ishaan, esse amor que não acompanha uma compreensão plena, pois nem sempre seus limites são respeitados e tampouco suas opiniões diante de decisões que dizem respeito a ele, como ocorre em relação à mudança de escola quando o seu pai não percebe avanços na escola antiga. No ambiente escolar, Ishaan não consegue realizar suas atividades e parece sempre desatento ou alheio aos professores e outras figuras de autoridade, além de ser muito desprezado pelos colegas.

O menino, em determinado momento da trama, segue em uma nova escola, longe da família para aprender o que seria a “verdadeira disciplina”, mas estar isolado de tudo o que tinha significado para ele, o arrasta para uma dor profunda que o silencia. A forma como Ishaan se enxerga só muda com a chegada do professor de Artes chamado Nikumbh que não só percebe as dificuldades da criança, mas todo potencial que existe e não é percebido nem pela família e nem pelo próprio Ishaan. A visão dos familiares é de que suas habilidades não são “competitivas” para o mundo em que vivem. Com isso é notável que mesmo com

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, Brasil; raama.garcia4@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, anailsoncarlos02@gmail.com

³Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, Brasil; diogo.santos.056@ufrn.edu.br.

⁴Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, Brasil; francileide.almeida@ufrn.br

características próprias de uma ficção, o filme ilustra com precisão a tensão entre um sistema educativo que tende a padronizar os indivíduos e o mundo das singularidades do sujeito, permitindo visualizar como os processos de aprendizagem são indissociáveis das dimensões emocionais, sociais e afetivas.

Em relação às dinâmicas da casa, os pais são autoritários e têm uma relação conflituosa quando se trata de lidar com o menino, o seu pai não o compreende e trata-o com certa violência. A mãe, por sua vez, tenta ensiná-lo, mas falta-lhe a paciência e ferramentas para tal, pois ela não reconhece que ele possui uma especificidade e tenta realizar as tarefas de uma maneira rígida, o que faz com que não existam avanços. Toda essa dinâmica não representa nenhum incentivo para Ishaan. Quando ele é comparado ao irmão, não se sente inspirado a imitá-lo, sente-se triste e incapaz. Quando os pais brigam devido sua educação e seus rendimentos escolares, ele se angustia, pois mesmo que se esforce não consegue acompanhar seus colegas. Os pais, embora reconheçam a importância dos estudos e tentem orientá-lo, é perceptível a negação e o medo em relação a possuir um filho com especificidades, sendo logo rotulado como preguiçoso e não como alguém pedindo socorro à sua maneira.

Além disso, as soluções e medidas tomadas pelos pais também são sempre muito rígidas e não o ajudam de fato. Em relação à antiga escola, o pequenino é tratado com muita hostilidade, os profissionais são críticos e autoritários. Quando Ishaan muda de escola, pouca coisa se modifica, pois os professores seguiram separando as questões emocionais das intelectuais. Uma das cenas em que isso aparece de maneira bem marcante é quando um professor pede para Ishaan interpretar um poema e Ishaan dá uma interpretação de acordo com os seus sentimentos e percepção do mundo, mas o docente o ridiculariza na frente de todos. Entretanto, seu colega de classe o escuta com atenção e o tranquiliza dizendo que sua interpretação estava correta e que não ficasse triste, pois o professor sempre agia daquela maneira diante de uma resposta que não era a que ele esperava. Na verdade, todos os professores seguem exigindo muito do garotinho, mas negligenciam o fato de que a sua falta de atenção, letra ilegível e notas ruins eram sintomas de algo muito maior que necessitava acompanhamento, não repreensão.

No sentido de suas dificuldades de aprendizagem que se apresentam em todo o decorrer da obra, é possível compreender - antes mesmo de tratarem abertamente sobre isso - que Ishaan

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, Brasil; raama.garcia4@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, anailsoncarlos02@gmail.com

³Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, Brasil; diogo.santos.056@ufrn.edu.br.

⁴Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, Brasil; francileide.almeida@ufrn.br

tem um transtorno específico de aprendizagem: apresenta dificuldades em acompanhar o que é escrito no quadro, não acompanha leituras, troca a ordem das letras, confunde sílabas, troca letras como b/d, p/q, f/v, t/d e m/n. Demonstra também alguns sinais de disgrafia, pois sua caligrafia além de irregular não faz sentido dentro dos espaços e pautas do caderno. Além disso, a disortografia também é uma possibilidade, pois sua escrita é espelhada e há omissão de letras.

A hipótese da presença de um transtorno só é confirmada com a chegada do professor Nikumbh. O professor percebe com a avaliação atenta dos cadernos de Ishaan que o menino possui transtorno específico de aprendizagem com prejuízo na leitura (dislexia), na escrita (disgrafia e disortografia) e discalculia. Entretanto, cabe ressaltar que as suas dificuldades somam-se, sobremaneira, quando encontram barreiras atitudinais: negligência da escola, falta de paciência dos pais, autoritarismo e insensibilidade. Para a superação das dificuldades de aprendizagem de Ishaan, assim como para quaisquer outras, é preciso que haja estímulos e respeito aos limites e as subjetividades do indivíduo. Essa atitude em relação ao aprendizado de Ishaan ocorre ao final do filme, pois o professor de artes passa a criar situações sócio-relacionais positivas, enxergando o estudante como um indivíduo com necessidades específicas, motivando-o e manejando positivamente seus erros.

Paralelamente, embora deseje tomar as atitudes que vão transformar a experiência escolar de Ishaan, o professor Nikumbh, primeiramente, visita a família e expressa o potencial gigante da criança em relação ao desenho e à criatividade. Além disso, também trata cuidadosamente de suas dificuldades para desconstruir na concepção dos pais que a criança é apenas preguiçosa e indisciplinada sem razão. De toda trama, é a cena mais tensa e marcante, pois ocorre o que é muito comum: os pais entram em negação e temem possuir um filho “doente”, rebatendo o docente. Porém, ao final da cena reconhecerem que a criança precisa de um acompanhamento adaptado. Após falar com os familiares, o profissional também dialoga com o diretor da escola para poder dar seguimento às medidas.

O professor Nikumbh não chama Ishaan para trabalhar suas dificuldades imediatamente, ele procura, primeiro, trabalhar a autoestima e o seu auto-valor já muito corroídos por experiências negativas. Para isso, o professor leva para a sua sala de Artes, fotos de figuras

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, Brasil; raama.garcia4@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, anailsoncarlos02@gmail.com

³Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, Brasil; diogo.santos.056@ufrn.edu.br.

⁴Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, Brasil; francileide.almeida@ufrn.br

históricas que possuíam dificuldades de aprendizagem, mas que contribuíram de maneira genial com o mundo, como: Thomas Edison e Albert Einstein. Ishaan cria um senso de identificação com esses gênios e aos poucos pensa mais positivamente sobre si. Com isso, uma configuração subjetiva positiva começou a ser construída e teve reflexos no interesse e atenção de Ishaan. Nikumbh também passa a manejar, convenientemente, os potenciais do menino em relação ao desenho, mas não é uma ação isolada em sala de aula, pois o docente promove um concurso de arte. Ao final do concurso, Ishaan vence, sendo reconhecido e premiado publicamente. As transformações na configuração subjetiva da criança, tornam-se mais claras quando ele passa a ser visto e compreendido para além das suas limitações.

O professor também passou a acompanhá-lo em momentos distintos das aulas regulares para melhorar a escrita e a leitura dentro do tempo necessário e com os estímulos corretos, de maneira que a criança passou a ter melhores resultados em sala de aula. Portanto, cabe ressaltar que a atitude tomada por um profissional que, posteriormente, foi abraçada pela família e pela escola, transformou não só a vida acadêmica, mas todas as esferas da vida de Ishaan, que passou a ser ouvido pelos pais e, por sua vez, tornou-se mais atencioso e amoroso com eles. A casa e a escola de Ishaan eram reflexos uma da outra: o que ocorria de negativo na escola, refletia em sua vida familiar e vice-versa, mas no momento em que houve uma organização das configurações subjetivas situacionais, os dois ambientes passaram a refletir e gerar sentidos subjetivos positivos à criança.

Ao final do filme, Ishaan avança nas disciplinas de linguagens, matemática, ciências e torna-se um menino habilidoso em tarefas que antes não realizava, como amarrar os sapatos, pentear o cabelo, abotoar a camisa e organizar a gravata. Vê-se, portanto, que nunca existiram preguiça ou desculpas, pois Ishaan tinha um transtorno específico de aprendizagem que era trabalhado de forma padronizada e em ambientes extremamente punitivos que não permitiam avanços. Entretanto, mesmo sendo uma obra de caráter fictício, não se pode deixar de perceber que a tarefa de zelar pelo desenvolvimento de Ishaan e qualquer outro estudante não deveria ser tarefa para um único professor, deveria ser um trabalho conjunto de todo corpo

docente, família, direção, coordenação, profissionais como psicólogos, psiquiatras e muitos outros.

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, Brasil; raama.garcia4@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, anailsoncarlos02@gmail.com

³Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, Brasil; diogo.santos.056@ufrn.edu.br.

⁴Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, Brasil; francileide.almeida@ufrn.br

Em suma, a análise do filme à luz da Teoria da Subjetividade, evidencia um conjunto de resultados que revelam, com profundidade, como a aprendizagem se constitui a partir das experiências singulares do educando. O percurso do personagem Ishaan mostra que sua subjetividade não pode ser compreendida por meio de explicações lineares ou reducionistas, mas sim como um processo vivo, atravessado por dimensões emocionais, familiares, sociais e escolares que produzem sentidos próprios. Assim como Tacca e González Rey (2008) enfatizam o processo de desenvolvimento como um segmento extremamente complexo, pois de maneira simultânea, apresentam-se elementos que ganham sentido pelo emocional do sujeito nessa construção.

Analizando de uma maneira mais minuciosa, a escola, em sua estrutura normativa, tende a desconsiderar as formas plurais de significação que cada criança produz. As frequentes repressões ao personagem, os castigos e as tentativas de enquadrá-lo às regras evidenciam como contextos pedagógicos rigidamente organizados podem silenciar a subjetividade, impedindo que o educando manifeste suas potencialidades de maneira autêntica. Entretanto, quando o professor Nikumbh entra em cena, a narrativa evidencia um deslocamento significativo: a escola passa a enxergar o indivíduo e não os seus erros, não a deficiência, mas a singularidade. Essa mudança de olhar representa um dos principais resultados discutidos pela Teoria da Subjetividade: o educador como mediador sensível, capaz de mobilizar cenários dialógicos que favorecem a emergência de novas configurações subjetivas.

Por fim, é inegável a transformação subjetiva quando Ishaan encontra um ambiente emocionalmente seguro e intelectualmente estimulante. O afeto, a empatia, a valorização de suas produções artísticas e a confiança depositada em sua capacidade criativa tornam-se elementos essenciais para que ele ressignifique sua própria autoimagem. A aprendizagem acontece, então, como processo, e não como simples resposta a estímulos e cobranças externas. O filme demonstra que, quando os processos escolares dialogam com os sentidos subjetivos do educando, a aprendizagem deixa de ser uma imposição convertendo-se em possibilidade.

4. Conclusões

Ao final do presente trabalho, concluiu-se que a articulação com o pensamento de Vygotsky, González Rey e outros autores com a obra cinematográfica, permite compreender as dificuldades de aprendizagem como uma barreira transponível pelo papel das práticas

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, Brasil; raama.garcia4@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, anailsoncarlos02@gmail.com

³Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, Brasil; diogo.santos.056@ufrn.edu.br.

⁴Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, Brasil; francileide.almeida@ufrn.br

pedagógicas diferenciadas e adaptadas à realidade do educando. A metodologia adotada pelo professor Nikumbh, baseada no incentivo ao lúdico, na exploração das qualidades e valorização da liberdade, revela que reconhecer a singularidade significa ampliar os caminhos para que cada criança se encontre no aprender. Assim, os resultados mostram que a aprendizagem não é homogênea e a subjetividade tampouco, pois o filme permite afirmar que o protagonismo do educando se manifesta quando o ambiente escolar reconhece seus modos de ser e aprender. A subjetividade, então, deixa de ser sufocada e passa a ser mobilizada, produzindo transformações no modo como o sujeito da aprendizagem se relaciona consigo, com o outro e com o conhecimento.

Referências Bibliográficas

CANÁRIO, Rui. A escola e as "dificuldades de aprendizagem". **Psicologia da Educação**, n. 21, 2005.

COMO ESTRELAS NA TERRA: CADA CRIANÇA É ESPECIAL. Direção: Aamir Khan. Produção: Aamir Khan. Índia: Aamir Khan Productions, 2007. 1 DVD (165 min).

COSTA, Dóris Anita Freire. Superando limites: a contribuição de Vygotsky para a educação especial. **Revista Psicopedagogia**, v. 23, n. 72, p. 232-240, 2006.

GONZÁLEZ-REY, Fernando. Sujeito e subjetividade. São Paulo: **Thomson**, 2003.

Downloads. Downloads. PDF · HTML. Publicado. 01-12-2004.

MARTÍNÉZ, Albertina Mitjáns; REY, Fernando González. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar**. Cortez Editora, 2017.

REY, Fernando Luis González. A pesquisa e o tema da subjetividade em educação. **Psicologia da educação**, n. 13, 2001.

SANTOS-LIMA, Helen Tatiana. O papel do professor no contexto inclusivo: uma reflexão a partir da teoria da subjetividade. **E-revista Facitec**, v. 4, n. 01, 2010.

TACCA, Maria Carmen Villela Rosa; REY, Fernando Luis González. Produção de sentido subjetivo: as singularidades dos alunos no processo de aprender. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 28, p. 138-161, 2008.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. **Educação e Pesquisa**, v. 37, n. 04, p. 863-869, 2011.

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, Brasil; raama.garcia4@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, anailsoncarlos02@gmail.com

³Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, Brasil; diogo.santos.056@ufrn.edu.br

⁴Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Caicó, RN, Brasil; francileide.almeida@ufrn.br